

# A Esfinge e o Abismo

*"A verdade está no abismo"<sup>1</sup>.  
Demócrito*

## A Esfinge e a Queda

Quando Édipo traduz o enigma, a Esfinge se quebra, vai ao abismo e se suicida. A verdade de Édipo estava simbolizada na Esfinge, por isso traduziu-a sem muitos esforços.

A forma abissal guarda em si um atávico fascínio sobre os humanos, através da sua inerente carga dualista, onde os instintos básicos aparecem em alguns textos sob a forma de “atração do abismo”. Símbolo natural das profundidades, abismo, em grego ou latim, designa tudo aquilo que é sem fundo, o mundo das profundezas ou das alturas indefinidas. Nos textos apócrifos simboliza globalmente os estados sem forma da existência.

Entre os celtas e outros povos, o abismo situava-se no interior das montanhas; na Irlanda, Japão e Oceania, no fundo do mar e dos grandes lagos. Para os australianos, na via láctea, e entre os povos mediterrâneos, nas distâncias de além-horizonte. na tradição suméria, a morada do senhor do mundo flutua sobre o abismo. Para os acádios, é Timet quem coloca monstros à entrada do pélagos. Também na Bíblia, é concebido por vezes como Leviatã, o monstro mitológico que engolia os seres para depois vomitá-los, transformados.

## As Profundezas e a Morte

Há notada relação entre as regiões abissais e o “país dos mortos”, e por conseguinte com os cultos da Grande Mãe Ctoniana<sup>2</sup>. É a partir desse remoto alicerce cultural que Carl Gustav Jung estabelece uma conexão entre o abismo e o arquétipo maternal, imagem da mãe amante e terrível<sup>3</sup>. (Édipo “derruba” a esfinge-mãe-devoradora ao abismo, mas identificado com ela na tradução de enigmas, o futuro dele é igualmente trágico).

---

<sup>1</sup>Reale, Giovanni: História da Filosofia Antiga. Edições Loyola. Volume I, Pág. 411

<sup>2</sup>Ctoniano vem do grego, *Khton*: terra. Refere-se basicamente a divindades do inferno ou do subterrâneo (dos abismos), como por exemplo perséfone, Hécate, Hades, Deméter e outros.

<sup>3</sup>Jean Chevalier e A. Gheerbrant. Dicionário de Símbolos. Editora José Olympio.

A assimilação do país dos mortos e o fundo do mar explica muitos aspectos das lendas nas quais surgem palácios ou seres do abismo das águas. (Na lenda do rei Artur, quando a espada do monarca é lançada ao lago, surge um braço que a recolhe no ar, antes de levá-la ao fundo. Outro exemplo é Atlântida, a civilização que teria submergido miticamente no oceano.

O abismo intervém em muitas cosmogonias, na forma da gênese e do fim da evolução do universo, daí sua constante associação com os extremos das dualidades, tanto externas quanto às internas e inerentes ao homem. (Veremos adiante a dualidade que nos é marcante: a dos instintos básicos de vida e morte).

Nos sonhos, venha sob forma fascinante ou com medos aterrorizadores, o abismo evocará o imenso e poderoso inconsciente e aparecerá como um provocante convite para realizarmos uma desordenada (e às vezes assustadora) expedição exploratória às instâncias mais profundas do ser, para aplacar ou instigar os fantasmas de dentro.

Freud, em seu último período, ocupou-se basicamente com trabalhos relacionados às três instâncias do aparelho psíquico com as influências que a sociedade exerce sobre cada pessoa.

### **Além do Princípio do Prazer: A Dualidade Instintiva**

A derradeira contribuição de Freud para a teoria dos instintos, contemporânea de seus estudos culturais, casou uma situação difícil de ser aceita por muitos dos seus seguidores, devido à mudança do conceito inicial, levando à discordâncias dentro de sua própria escola, apesar de os novos escritos significarem de modo prático um avanço na terapêutica psicanalítica.

A interpretação que faz das tendências agressivas do indivíduo não se encaixava em sua teoria do “princípio do prazer”, teoria esta que afirma que a atividade psíquica no seu conjunto tem por objetivo evitar o desprazer e proporcionar o prazer<sup>4</sup>. Suas formulações descrevem uma teoria dualista, composta do instinto de vida (Eros) e do instinto de morte (Tânatos<sup>5</sup>). Na mitologia grega, Eros personifica o deus do amor, a força criadora do mundo e da vitalidade, enquanto tanatos equivale ao deus da morte.

---

<sup>4</sup>Freud e a Psicanálise. Editora Salvat.

<sup>5</sup>O termo Tânatos foi introduzido na nomenclatura psicanalítica por Sigmund Freud. Freud se refere a ele como “Instinto de Morte”.

A teoria baseia-se na observação de algumas situações reais que, de um modo ou de outro, contradizem a formulação do “princípio do prazer”. Trata-se da “compulsão à repetição”, que aparece com frequência e de várias formas nas crianças, que mostram uma tendência a repetir jogos, atitudes, fantasias e brincadeiras, independentemente de lhes resultar prazer ou não. Esta mesma tendência aparece também nos sonhos dos indivíduos, sem que isso suponha necessariamente a satisfação de algum desejo inconsciente ou consciente.

A tendência à repetição é característica da vida instintiva, tipicamente conservadora. Esse conservadorismo acentua-se mais quanto mais se desce na escala zoológica, chegando à condutas instintivas absolutamente esterotipadas nos animais inferiores. A partir dessa linha, Freud escreveu que a compulsão à repetição era o equivalente à tendência a restaurar um estado de coisas anterior, para regressar, em última instância, a um estado mais primitivo. Assim sendo, como o estado de coisas anterior à vida orgânica é o inorgânico, o inanimado, a meta de todo o organismo, o objetivo derradeiro da vida seria então o regresso ao inorgânico, ou seja, à morte.

A teoria da dualidade instintiva foi resumida assim por Freud: “Após longas vacilações e dúvidas, decidimos supor a existência de apenas dois instintos básicos: o Eros e o instinto de destruição. A tendência do primeiro destes instintos é estabelecer em quelaquer momento unidades maiores e conservá-las, unindo-as umas as outras. A finalidade do segundo é, ao contrário, destruir as coisas. No caso do instinto de destruição, devemos supor que a sua meta final é a de conduzir o que está vivo ao inorgânico. Por isso o denominamos também de instinto de morte.”<sup>6</sup>

O principal opositor da teoria da dualidade instintiva foi o seu colaborador e ex-discípulo Wilhelm Reich, que buscou explicar o mal-estar dos homens em causas externas, na sociedade e nas relações interpessoais. Freud vê, em última instância, que a compulsão à infelicidade e ao sofrimento provém do íntimo, e desta forma, interpretou a evolução cultural e social como uma grande luta entre as forças do amor e da morte, entre instinto de vida e o de destruição, que todos os seres humanos hospedam em si.

Édipo, quando encontra a esfinge, à beira do abismo, reproduz a encruzilhada na qual assassinou Laio e três tripulantes da carruagem (a situação

---

<sup>6</sup>Freud, Sigmund: Obras Completas, Volume XIII. Imago Editora.

Edípica, coincidentemente é triangular). Desta vez assassina a esfinge devoradora, que se obriga ao suicídio, enfurecida.